

Vacinas defeituosas podem fortalecer vírus, diz estudo

escrito por Ana Miranda | 7 de agosto de 2015



Vacinas defeituosas ou “permeáveis” poderiam gerar vírus ainda mais poderosos – é o que mostra um estudo realizado em aves que levanta preocupações sobre o desenvolvimento de algumas vacinas em seres humanos.

Quando uma vacina funciona como deve, como a da varíola, da pólio e do sarampo, protege os vacinados e também previne a transmissão do vírus.

No entanto, este novo estudo publicado na revista “PLoS Biology”, percebeu que as vacinas imperfeitas protegem as aves, mas também permitem que o vírus sobreviva de forma ainda mais prejudicial.

“Nossa pesquisa mostra que o uso de vacinas ‘permeáveis’ podem promover a evolução das variações mais ‘quentes’, mais

desagradáveis do vírus, o que coloca os indivíduos não vacinados num elevado nível de risco”, explicou um dos autores, Venugopal Nair, do Instituto de Pirbright, no Reino Unido.

“Estas vacinas permitem que os vírus virulentos continuem a evoluir”, acrescentou.

Os pesquisadores afirmaram que a vacina foi diretamente responsável por aumentar a resistência do vírus. O processo, segundo eles, não é tão claro como a evolução dos germes que desenvolvem resistência aos antibióticos.

No entanto, o estudo mostra uma clara correlação entre a vacina e o desenvolvimento de variações do vírus da doença de Marek, que pode passar de ser apenas prejudicial para mortal em alguns tipos de bovinos.

Futuras vacinas

Não há dúvida sobre a eficácia da vacina humana usada atualmente, mas esses resultados levantam muitas questões sobre o desenvolvimento de futuras vacinas, disseram os cientistas.

“Agora a preocupação é com a próxima geração de vacinas”, explicou o co-autor Andrew Read, da Penn State University, na Pensilvânia, Estados Unidos.

“Nós não queremos que doenças mortais como o ebola evoluam, e nossa pesquisa mostrou que isso poderia ocorrer no caso de vacinas imperfeitas ou ‘permeáveis’”.

“É importante não interpretar este estudo como um argumento contra a vacinação de crianças contra a gripe ou outras doenças”, estimou Peter Openshaw, do Imperial College London.

Fonte: G1